

Matemos as Barbies, de Selva Almada

Paula Yódice

Matemos as Barbies

Não gosto das Barbies
com seus peitinhos levantados
e as nádegas
como dois gominhos de tangerina
que lhes saem por trás.
Não gosto de seu cabelo platinado
nem do seu carrão rosa
nem da cara esticada do Ken
com seu arzinho de estudante
de *barrados no baile*.
As Barbies são tontas bonequinhas
de *pussy* afeitada
que perseguem em *rollers*
a uns bonecos seriados
filhos bastardos de David Husselthorf
e sonham se casar com eles
em uma tarde radiante
e poder ao fim ser legalmente
adúlteras
trincadas fodidas de pé
por um *latin lover* alugado
e gritar
I'm coming

I'm coming

I'm coming

com vozinha quebrada de soprano.

Também não me enganam as Barbies
que moram em pequenas casas
de estilo Hooper tom pastel
e quando a tarde cai
bebem chá gelado junto a um Ken
de camisa xadrez e *jeans* apertado
sentados num balanço
com um *lassie* aos pés.

As Barbies nunca são mães:
tias ou *baby sitters*
passeiam carrinhos de bebê por idílicos parques
onde não são permitidos *play mobs*
nem tamagochis
nem raquíticas imitações da indústria
nacional.
Parques onde crescem tamarindos
e abetos e groselhas
e pulam coelhos, esquilos e renas
e embora nunca chova
sempre tem um arco-íris desenhado no céu.

À noite

de *nurse* a mulher fatal

as Barbies bebem *bloody mary*

sob uma lua de *cherry*

sem Prince.

De braços dados
como as meninas do Gironde
rebolam a bunda aos tarados
que esquentam suas orelhas
em um inglês atravessado
“que chamam de *spanenglish*”

cuja verborragia inclui
transa sudaca por um boquete
dessa boquita pintada
cerveja em lata e um *hot dog*.

Elas riem
não mordem o anzol.
De braços dados passeando sua histeria
conhecem a regra:
tem que chegar virgem à cama do Ken.
Acabam a noite
sozinhas em seus quartos
fumando cigarros importados
escrevendo em seus diários
que um *boy latino*
fez elas pecarem
com essa comichão aí embaixo.

Escrevem:
não seria mal outro Vietnã
para limpar as ruas desses demônios
undergorund.
Na verdade
queriam é falar:
eu invejo você, Melanie Griffith
mas se confortam
antes de dormir
I love Ken
I love Ken
I love Ken.
As Barbies têm vergonha
da ideia progressista da fábrica
de jogar para o mundo
uma irmã paralítica e um cunhado gay.
Felizmente
prevaleceu o consumo sensato
do *american way*
e tiraram eles do mercado.

No país das Barbies tudo é...
você sabe
e não tem espaço para essas agitações tontas
chamadas Bósnia, embargo ou HIV.
Com tantos problemas
que incomodam o pessoal do Melrose Place
elas não dão conta:
entendam.
Já é muito
ensinar suas donas como ser bonecas
e entender
que no mundo
sempre é melhor
andar armadas com um bom par de tetas
que ser infelizes portas adentro
e a abrir as pernas só quando for chegado o momento.

Por um instante quase as entendo
mas eu já disse:
não gosto das Barbies.
Se as Barbies pudessem envelhecer
seriam distintas senhoras alcoólatras
presidiriam fundações de arte
com seu nome
se pudessem ter um nome
e continuariam se apaixonando por Ken
aggiornado segundo as tendências da moda
mas sempre Ken
bronzado e malhado
o sonho dourado de toda menina.
Sempre Ken:
de dia encoxando empregadas filipinas
à noite metido em estranhos *affairs*
Por isso: matem os Barbies
a culpa não é delas.
Matemos as Barbies:
descansem seus vãos corpinhos em paz.

Matemos a las Barbies

No me gustan las Barbies
con sus tetitas paradas
y las nalgas
como dos gajitos de mandarina
que les salen por detrás.
No me gusta su pelo platinado
ni su deportivo rosa
ni el estirado de Ken
con su aire de prepa
a lo *beverly noventa dos diez*.
Las Barbies son tontas muñequitas
de *pus* y afeitada
que persiguen en *rollers*
a muñecos seriados
hijos bastardos de David Husselthorf
y sueñan casarse con ellos
en un mediodía radiante
y poder por fin ser legalmente
adúlteras
trincadas de pie
por un *latin lover* alquilado
y gritar
ai camin
ai camin
ai camin
con voccecita quebrada de soprano.

Tampoco me engañan las Barbies
que viven em casitas
estilo Hooper color pastel
y cuando la tarde cae
beben te helado junto a un *Ken*
de camisa leñadora y *jean* apretado
sentados en un columpio
con un *lassie* a los pies.

Las Barbies nunca son madres:
tías o *baby sitters*
pasean cochecitos por idílicos parques
donde no se permiten *play mobs*
ni tamagotchis
ni esmirriadas imitaciones de la industria
nacional.
Parques donde crecen tamarindos
y abetos y grosellas
y brincan conejos, ardillas y renos
y aunque nunca llueve
siempre hay un arco iris dibujado en el cielo.

A la noche
de *nurse* a mujer fatal
las Barbies toman *bloody mary*
bajo una luna de *cherry*
sin Prince.

Tomadas del brazo
como las pibas de Gironde
les menean el culo a los mojados
que calientan sus orejas
en un inglés atravesado
“*spanenglish* que le llaman”
cuya verborragia incluye
un polvo sudaca por una mamada
de esa boquita pintada
cerveza en lata y un *hot dog*.

Ellas se ríen
no muerden el anzuelo.
Del brazo siguen paseando su histeria
conocen la regla:
hay que llegar virgen a la cama de Ken.
Terminan la noche
solas en sus cuartos
fumando cigarrillos importados

escribiendo en sus diarios
que un *boy* hispano
las hizo pecar
de raras cosquillitas ahí abajo.

Escriben:
no vendría mal otro Vietnam
para librar las calles de esos demonios *underground*.
En realidad
querrían decir:
te envidio, Melanie Griffith
pero se convencen
antes de dormirse
ai lav Ken
ai lav Ken
ai lav Ken.
Las Barbies se averguenzan
de la idea progre de la fábrica
de echarles al mundo
una hermana paralítica y un cuñado gay.

Por suerte
primó el consumo sensato
del *american way*
y los borraron del mercado.

En Barbielandia todo es...
como tú sabes
y no hay sitio para esas tontas movidas
llámense Bosnia, bloqueo o HIV.
Con tantos problemas
como acucian a los de Melrose Place
ellas no pueden con todo:
entiéndanlo.
Ya es bastante
enseñar a sus dueñas a ser muñecas
a entender
que por el mundo

siempre es mejor
andar muñidas de un buen par de tetas
a ser infelices puertas adentro
y a abrir las piernas solo llegado el momento.

Por un rato casi las entiendo
pero ya lo dije:
no me gustan las Barbies.
Si las Barbies pudiesen envejecer
serían distinguidas damas alcohólicas
presidiendo fundaciones de arte
con su nombre
si pudieran tener un nombre
y seguirían enamorándose de Ken
agoriornado según las tendencias de la moda
pero siempre Ken
bronceado y musculoso
el sueño dorado de toda chica.
Siempre Ken:
de día correteando sirvientas filipinas
de noche enredado en extraños affaires.
Por eso: matemos a las Barbies
no es suya la culpa.
Matemos a las Barbies:
descansen sus vanos cuerpitos en paz.

Nota da tradutora

“Matemos a las Barbies” está no primeiro livro de Selva Almada (Entre Ríos, Argentina, 1973), *Mal de muñecas* (Carne Argentina, 2003), que reúne alguns poemas e um relato em prosa, acompanhado de ilustrações. Trata-se de um dos poucos textos publicados da autora que pertencem ao gênero lírico, onde já aparecem alguns pontos que se tornaram uma constante na sua narrativa posterior: o lugar da mulher e do homem no sistema patriarcal, a violência dos mandatos sociais nos corpos, as tensões fronteiriças nas misturas linguísticas e culturais.

Em efeito, o poema foca não só o objeto, mas o que ele representa. As Barbies condensam muitos sentidos. Por um lado, são brinquedos que moldam o imaginário das meninas em relação aos estereótipos que a sociedade propõe:

serem belas, jovens, tontas, obedientes, caladas, não assumir o corpo como lugar do próprio prazer, mas para o conforto de outros que - não obstante - as fazem “pecar com essa comichão aí embaixo”. A dupla moral de chegar virgem ao matrimônio para ganhar o título de esposa, enquanto o marido persegue empregadas domésticas (outros corpos de aluguel).

Por outra parte, essas bonecas são uma síntese do estilo de vida estadunidense que se exporta ao mundo globalizado: a camisa xadrez do Ken, a casa estilo Hooper, o hot dog, a necessidade de fabricar inimigos de guerra e de estereotipar a diversidade no outro; a irmã paralítica, o cunhado gay, em contraposição com a Barbie radiante. Ela tem vergonha de sair da mesma fábrica. E os “consumidores sensatos” entendem que nesse mundo não existe lugar para a *alteridade*. Será por isso que, ainda que existam as versões negras, muçulmanas, grávidas ou paralíticas, nunca são as que se aparecem em nossa imaginação quando nomeamos a Barbie? O que a faz original, se é fabricada em série?

Por que esse modelo de sujeito condensado em um pedaço de plástico com forma feminina adentrou tão fundo em nós? Como desconstruir esse modelo, senão com a morte?

A violência que convoca o título desse poema não é outra coisa além de um eco da violência que mora na imposição cultural, linguística e de gênero. Necessitamos dessas mortes para desconstruir-nos e reconstruir-nos como mulheres, como sudacas, como sujeitos com nome próprio, como alternativas aos corpos vazios, escassos de carne e pretensamente inócuos.

Escolhi traduzir esse poema por vários motivos: porque me impactou a primeira vez que o escutei sair da boca de uma professora querida; pela generosidade da autora em me permitir publicar o texto; porque sintetiza as distintas violências que carregamos habitualmente alguns sujeitos; porque me seduz a mistura idiomática que se atualiza cada vez que uma poeta constrói novamente sua voz ao intercalar outras.

Essa tradução procura respeitar a cadência do espanhol e sua estrutura gramatical, mas também a intrusão de palavras em inglês e em espanhol, destacadas em *itálico* na versão do poema em português, embora no original não se diferenciem do resto do texto. Se interpretar é traduzir (inclusive na mesma língua) mas, além disso, trair, espero que a minha versão transmita nos novos leitores a potência com a que vibro cada vez que leio o poema.